

Constituição de um Território Existencial e Singularidades do Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática (GEPETno)

*Diego de Matos Gondim*¹

*Roger Miarka*²

*Línlya Sachs*³

RESUMO

O objetivo deste artigo é operar com modos pelos quais a Etnomatemática vem sendo produzida no Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática (GEPETno), buscando apresentar, discutir e problematizar o Grupo como um território existencial que produz (na) Etnomatemática no mesmo compasso em que se produz. Para isso, utilizamos dois movimentos, que partem do presente em direção ao passado. No primeiro, falamos dos trabalhos produzidos no Grupo em nível de pós-graduação no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Rio Claro); e, no segundo, discutimos a criação e a constituição do GEPETno como grupo de estudo e pesquisa em uma universidade. Junto à composição desses movimentos e operando no bojo das Filosofias da Diferença, apresentamos uma discussão teórica sobre a processualidade do grupo, ora tomando-o como um território existencial - um ethos - que acolhe, ora como potência de diferenciação.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofias da Diferença. Partilha do sensível. Corpo. Corpo-grupo.

¹ Mestre em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, São Paulo, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo: 2017/23227-1, em agradecimento à CAPES. E-mail: gondiminit@hotmail.com.

² Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”. Professor da Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: romiarka@gmail.com.

³ Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”. Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil. E-mail: linlyasachs@yahoo.com.br.

Constitution of an Existential Territory and Singularities of Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática (GEPEtno)

ABSTRACT

The aim of this article is to work with ways in which Ethnomathematics has been produced in the Group of Study and Research in Ethnomathematics (GEPEtno), seeking to present, discuss and problematize the Group as an existential territory that produces (in) Ethnomathematics at the same time in which it is produced. For this, we use two movements, which depart from the present towards the past. In the first one, we talk about the work produced in the Group at the postgraduate level in the Mathematics Education Graduate Program (PPGEM) of the Universidade Estadual Paulista (Unesp / Rio Claro); and in the second, we discuss the creation and constitution of GEPEtno as a study and research group at a university. Together with the composition of these movements and operating in the bosom of the Philosophies of Difference, we present a theoretical discussion about the group's processuality, taken as an existential territory - an ethos - that protects its members, and as a potential possibility of differentiation.

KEYWORDS: Philosophies of difference. Distribution of sensible. Body. Body-group.

* * *

Tudo o que existe, existe ou em si mesmo ou em outra coisa.
Baruch de Spinoza (2007)

Apresentando uma Proposta de "Pontacabeça"

Objetivamos, neste artigo, operar com *modos*⁴ pelos quais a Etnomatemática vem sendo produzida no Grupo de Estudo e Pesquisa em

⁴ Ao assumirmos a ideia de *modos*, optamos por falar, *grosso modo*, de maneiras ou formas de ser. No entanto, este "ser" não está designando, aqui, um Eu cognoscente ou um Ego (narcísio), mas uma singularidade, modos de ser com outras coisas – o que não evoca uma unidade ontológica. Operar com a ideia de *modos de ser com outras coisas* salienta um dos intercessores que compõem este artigo: Baruch de Spinoza. Segundo Ramond (2010, p. 56), em Spinoza, "o modo "é em outra coisa" na medida em que deve sua existência a outra coisa: ele não se produz, não é "causa em si", mas causado ou produzido "por outra coisa". O modo, numa palavra, "é em outra coisa" no sentido de que tem seu ser ou sua existência em outra coisa que não ele mesmo: sua existência é contingente, não pode ser deduzida de sua definição". Ramond (2010, p. 57) ao diferenciar os "modos infinitos" – como sendo aqueles que lembram à substância – dos "modos finitos" – como sendo as singularidades (por sua divisibilidade) –, nos permite

Etnomatemática (GEPÉtno), dando destaque não apenas para seus produtos dentro de uma área de pesquisa – a Etnomatemática –, mas, especialmente, às maneiras como se conecta *com* outras coisas, produzindo para dentro e para fora da Etnomatemática, com tentáculos que ora abraçam o fora para expandir a própria área, ora fissurando o próprio território existencial da área, problematizando-a.

Esperamos, assim, apresentar, discutir e problematizar o Grupo de Pesquisa e Estudo em Etnomatemática como um *território existencial* que produz (na) Etnomatemática no mesmo compasso em que se produz.

Com esse objetivo, utilizaremos dois movimentos. No primeiro, falaremos dos trabalhos produzidos no Grupo em nível de pós-graduação no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Rio Claro), assumindo suas singularidades, buscando respeitar o contexto histórico em que estes se situam. No segundo, discutiremos a criação e a constituição do GEPÉtno.

De maneira panorâmica, nossa proposta para acompanhar a processualidade do Grupo se dá a partir do agora, lançando pouco a pouco braços em direção ao passado.

Nesse percurso, no entanto, apresentamos um destaque. O GEPÉtno atualmente conta com 17 pesquisadores (14 doutores e 3 mestres) e 10 estudantes (7 doutorandos e 3 mestrandos), distribuídos pelos estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e Tocantins. No entanto, a proposta deste artigo apenas levará em conta dados referentes aos trabalhos realizados no PPGEM, na medida em que, metodologicamente, são estes que nos ajudam a compreender o movimento de constituição do grupo, uma vez que todos os pesquisadores que atualmente fazem parte do grupo foram titulados nesse Programa.

pensar no GEPÉtno (e suas produções, pesquisadores que o compõe etc.) sempre salientando modos finitos e infinitos de produzir com (e em) Etnomatemática.

Movimento 1: A Produção do GEPEtno no PPGEM e suas Singularidades

Compreender o relevo do GEPEtno, cartografá-lo, desenhar suas trajetórias heterogêneas que o constitui um território existencial, operar com *modos* (singularidades) pelos quais uma etnomatemática vem sendo produzida ali, isso objetivamos. Operar com traços de um grupo que não existe em si e por si, mas *com*, sempre *com*. Com: orientadores e tempos e temas e espaços e lugares e intercessores e... Em conexão.

Apresentamos aqui as pesquisas desenvolvidas no PPGEM, com alguma aproximação ao GEPEtno – seja por meio da participação dos encontros presenciais, seja por meio da orientação dos pesquisadores que dele fazem parte. Mas limitamo-nos àqueles que se fazem *com* a Etnomatemática. Para isso, olhamos para as palavras-chave indicadas pelos próprios autores. Nessa busca, dois trabalhos, apesar de não apresentarem a Etnomatemática entre as palavras-chave, foram aqui incluídos. São os trabalhos de Ronilce Maira Garcia Lopes (2016) – que aborda uma etnomatemática em seu texto, com especial relevância – e de Aira Casagrande de Oliveira Calore (2008) – que utiliza, como palavra-chave, “ticas de matema”, em referência à etimologia da etnomatemática d’ambrosiana.

O início das reuniões do grupo, de maneira ainda informal, se deu em 1999, sendo marcado pela orientação do professor Ubiratan D’Ambrosio. Em 2002 ocorre o credenciamento do professor Pedro Paulo Scandiuzzi no PPGEM, cadastrando o Grupo sob sua liderança no Diretório de Grupos do CNPq em 2004, oficialmente liderando-o até o ano de 2011, quando solicita seu descredenciamento no Programa para fins de aposentadoria. Na ocasião, o professor Ubiratan D’Ambrosio assume a liderança do grupo. No ano de 2012, o professor Roger Miarka é credenciado no PPGEM e também compõe o GEPEtno e, em 2015, passa a compartilhar a liderança do grupo com Ubiratan D’Ambrosio. Outros orientadores atravessaram o grupo: Maria Aperecida Viaggini Bicudo, Romulo Campos Lins e Sergio Roberto Nobre,

com as orientações das pesquisas desenvolvidas por, respectivamente, Roger Miarka, Sinval de Oliveira e Marcos Lübeck. *Com* todos esses professores, orientando pesquisas, junto a seus orientandos, um grupo existe e produz marcas, desenham um *caminhando* e demarca um tempo, uma duração⁵.

Com tempos, vemos caminhos, vemos o caminhar do grupo. Olhando para trás, a partir do agora, podemos ver marcas, as quais daremos visibilidade no movimento que ora produzimos.

Em 2018, Diego de Matos Gondim, orientado por Roger Miarka, produz a dissertação *“Ribeiras de Vales: ...e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e...”* (GONDIM, 2018). Seu exercício foi operar com “grafias de um acaso e uma eventualidade – um transbordamento de gesto-grafias e geneografias e geo-grafias e topografias – ovos-do-tempo e ovos-do-espaço” junto a uma comunidade quilombola do Vale do Ribeira.

Em 2016, também sob orientação de Roger Miarka, Ronilce Maira Garcia Lopes produz a dissertação *“Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática”* (LOPES, 2016). Ela busca responder à questão “como os professores que lecionam Matemática em uma escola do campo tem percebido e compreendido esse espaço?”. A produção de dados ocorreu em uma escola situada na zona rural do município de Inocência, no Mato Grosso do Sul.

Em 2015, Debora Eloísa Nass Kieckhoefel, orientada por Roger Miarka, produz a dissertação *“Do estudo do memorial de Teresa Vergani à análise de sua obra em educação matemática: trilhando o caminho da matemática”* (KIECKHOEFEL, 2015) – em que ela se propõe a analisar a obra de Teresa Vergani na área da Educação Matemática. Orientados por

⁵ Nesse caso, devoramos a proposição *Caminhando* da artista plástica Lygia Clark, produzida em 1964. A experiência do *Caminhando* da artista cria uma superfície de trajetórias discidentes, é aberta à imprevisibilidade. Segundo Lygia Clark, utilizando a fita Moebius, a experiência com o *Caminhando* rompe com os hábitos espaciais: dentro e fora, direita e esquerda etc.; para Clark (1964, p.2), “ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo”. Desse modo, estamos levando em consideração não apenas a representação (e importância) do GEPEtno (modos finitos) para a legitimação de uma área em um programa de pós-graduação, mas um *caminhando* (produtor das trajetórias discidentes; modos infinitos) que rompe com os hábitos espaciais de pós-graduandos, orientadores, programa de pós-graduação, encontros etc., possibilitando uma experiência de “um tempo sem limite [sua lógica é a duração de um ato, de um modo, de uma singularidade] e de um espaço contínuo [veremos que esse espaço faz-se contínuo pelas conexões, pelos agenciamentos...]”. É nesse *caminhando*, que rompe com os hábitos espaciais, que o GEPEtno faz-se, também, produto[r] de singularidades.

Ubiratan D'Ambrosio, Roberto Barcelos Souza produz a tese *“Fatores Sócio-Político-Culturais na Formação do Professor de Matemática: análise em dois contextos de formação”* (SOUZA, 2015) – em que buscou responder à questão “Quais são as potencialidades da formação continuada de professores, quando assumidas as dimensões sócio-político-culturais como foco de discussões, sob um olhar do Programa Etnomatemática?” –, João Severino Filho, a tese *“Marcadores de Tempo Apyãwa. A solidariedade entre os povos e o ambiente que habitam”* (SEVERINO FILHO, 2015) – em que teve como objetivo “constituir um conjunto de estudos e reflexões sobre os conhecimentos de povos indígenas e suas epistemologias”, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada com o povo indígena Apyãwa, da Região do Médio Araguaia, Mato Grosso – e Sonia Regina Coelho, *“A Escola Mixta da Cachoeira Grande em Presidente Prudente: Um panorama histórico”* (COELHO, 2015) – em que pesquisou a respeito da Escola Mixta da Cachoeira Grande, construída em 1936, na cidade de Presidente Prudente, São Paulo.

Em 2014, Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa produz a tese *“Entendimentos a respeito da matemática na educação do campo: questões sobre currículo”* (BARBOSA, 2014), com objetivo de “apresentar e discutir maneiras de entender o currículo de matemática na educação do campo”, sob orientação de Ubiratan D'Ambrosio.

Em 2013, Adailton Alves da Silva, orientado por Ubiratan D'Ambrosio, produz a tese *“Os artefatos e Mentefatos nos Ritos e Cerimônias do Danhono: Por Dentro do Octógono Sociocultural A'uwẽ/Xavante”* (SILVA, 2013) – que tratou “sobre o processo de geração, sistematização e difusão dos saberes e fazeres dos A'uwẽ/Xavante, a partir da celebração de um dos principais rituais do povo, o Danhono” –, Sinval de Oliveira, orientado por Romulo Campos Lins, produz a tese *“O saber/fazer/ser e conviver dos educadores indígenas Apinayé: algumas reflexões no campo da Teoria da Complexidade e da Etnomatemática”* (OLIVEIRA, 2013) – com o objetivo de responder à questão “como sistematizar uma epistemologia da prática dos

educadores indígenas Apinayé, englobando conhecimentos socioculturais relacionados ao saber/fazer/ser e conviver desses educadores?” –, e Marcos Lübeck, orientado por Sergio Roberto Nobre, produz a tese *“Utopia e Esperança: do mito da terra sem males à educação etnomatemática”* (LÜBECK, 2013) – cujo objetivo foi “apresentar um estudo historiográfico acerca da ‘educação matemática’ implementada nos Sete Povos das Missões/RS, entre os anos de 1680 e 1756, ocasião em que acolá conviveram indígenas guarani e padres jesuítas sob um mesmo arquétipo social-político-econômico-cultural de sociedade”.

Em 2012, Marciólio Leão produz a dissertação *“Educação Matemática e Educação Ambiental: Um Estudo Etnomatemático das Infrações Ambientais”* (LEÃO, 2012), sob orientação de Ubiratan D’Ambrosio. Teve como objetivo “fazer uma proposta para os Estágios de Aperfeiçoamento Profissional dos Policiais Militares Ambientais do Estado de São Paulo/SP”.

Em 2011, sob orientação de Pedro Paulo Scandiuzzi, são produzidas as dissertações *“Etnomatemática e Educação Própria”* (PARRA, 2011), de Aldo Ivan Parra Sanchez – com um viés etnográfico, em três diferentes comunidades do povo indígena Nasa, localizadas no estado de Cauca, na Colômbia, em que foram acompanhados processos educativos e escolares das comunidades –, e *“As Diferenças Culturais dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos: Uma Visão Etnomatemática”* (GODINHO, 2011), de Maria da Penha Rodrigues de Oliveira Godinho – que buscou responder à questão “Como o aluno da EJA consegue propor e resolver problemas, tendo o uso de seu conhecimento na disciplina de Matemática?”, em uma escola da cidade de Ibiúna, São Paulo –, e a tese *“O lugar e o espaço na construção do ser kalunga”* (JESUS, 2011), de Elivanete Alves de Jesus – com a comunidade Kalunga, remanescente de antigos quilombos que se formaram na região norte do Estado de Goiás, em que buscou “descrever e analisar os múltiplos lugares e espaços onde está inserida a sua cultura e que são fundantes para a constituição do ser daquele povo”. Também, sob orientação de Maria Aparecida Viggiani Bicudo, é produzida a tese *“Etnomatemática: do ôntico*

ao ontológico” (MIARKA, 2011), por Roger Miarka, uma metapesquisa que busca desvelar modos pelos quais se dá a pesquisa em Etnomatemática, com um olhar atento às suas dimensões teóricas, metodológicas e epistemológicas, por meio da análise de 5 conhecidos investigadores em Etnomatemática.

Em 2010, são produzidas as dissertações *“Diferentes realidades: ticas de matema na matemática escolar”* (CUNHA, 2010), de Adauto Nunes da Cunha, orientada por Pedro Paulo Scandiuzzi – que buscou evidenciar “as diferentes realidades que influem na construção das ticas de matema que emergem durante as aulas de matemática de uma escola pública do estado de São Paulo, localizada em São José do Rio Preto” –, e *“Vivências espaciais e saberes em uma escola Waldorf: um estudo etnomatemático”* (CRUZ, 2010), de Evelaine Cruz dos Santos, orientada por Ubiratan D’Ambrosio – com objetivo de “compreender as vivências espaciais e saberes veiculados em uma escola Waldorf, localizada em Campinas (SP)”.

Em 2009, é produzida a dissertação *“A Construção do Conhecimento Matemático de uma Turma de Alunos do Ensino Médio num Espaço Sociocultural: uma Postura Etnomatemática”* (FONSECA, 2009), de Adriano Fonseca, orientada por Pedro Paulo Scandiuzzi – que teve como objetivo “observar, descrever e analisar como acontece a construção de conhecimento matemático de um grupo social específico, que neste caso, é uma turma de alunos do Ensino Médio Estadual. Realizada na Escola Estadual Prof. Marcelo de Mesquita, da cidade de Ipeúna-SP”.

Em 2008, são produzidas as dissertações *“A etnomatemática no contexto do ensino inclusivo: possibilidades e desafios”* (RODRIGUES, 2008), de Thiago Donda Rodrigues – teve como objetivo “observar, descrever e analisar como os professores de uma escola inclusiva lidam com os alunos, na disciplina Matemática, de modo a corroborar com o processo de inclusão”, em uma escola da Secretaria de Educação da cidade de São Paulo –, e *“As 'ticas' de 'matema' de cegos sob o viés institucional: da integração à inclusão”* (CALORE, 2008), de Aira Casagrande de Oliveira Calore – pesquisa de

caráter etnográfico, que buscou “evoca[r] as ‘ticas’ de ‘matema’ de um grupo de jovens e adultos cegos”, orientadas por Pedro Paulo Scandiuzzi.

Em 2007, Elivanete Alves de Jesus produz a dissertação *“As artes e as técnicas do ser e do saber/fazer em algumas atividades no cotidiano da comunidade kalunga do Riachão”* (JESUS, 2007), sob orientação de Pedro Paulo Scandiuzzi. Ela buscou “observar a produção de conhecimento surgida da necessidade que a comunidade [kalunga] tem de se estabelecer de modo independente e, nessa dinâmica de produção de conhecimento, verificar o processo de difusão dessa cultura, estudar os hábitos alimentares, vestuários, dança, pinturas, artesanatos, rituais religiosos, etc. fazendo emergir as matemáticas produzidas e, ainda, descrever o processo educacional da criança Kalunga que habita o Riachão”.

Em 2006, Ana Paula Truzzi Mausó e Adailton Alves da Silva produzem as dissertações *“Estudo da utilização de medidas não-oficiais em uma comunidade de vocação rural”* (MAUSO, 2006) – que tratou do “uso de medidas não-oficiais no cotidiano das pessoas ligadas à área rural, moradoras do Distrito de Talhado (SP)” – e *“A organização espacial A`UWê-Xavante: um olhar qualitativo sobre o espaço”* (SILVA, 2006) – “uma investigação acerca da Organização Espacial/Social do povo A`uwê-Xavante da comunidade de Êtêniritipa, localizada na Terra Indígena-Rio das Mortes pertencente aos municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira – Mato Grosso” –, orientadas por Pedro Paulo Scandiuzzi.

Em 2005, Rodrigo Alexandre Rodrigues produz a dissertação *“As ‘Ticas’ de ‘Matema’ dos Índios Kalapalo: uma interpretação de estudos etnográficos”* (RODRIGUES, 2005) – tratou do “conhecimento matemático de uma das tribos indígenas do Brasil, ou seja, dos Kalapalo do Alto Xingu” – e Marcos Lübeck produz a dissertação *“Uma Investigação Etnomatemática Sobre os Trabalhos dos Jesuítas nos Sete Povos das Missões/RS nos Séculos XVII e XVIII”* (LÜBECK, 2005) – com objetivo de apresentar “entendimentos sobre a presença das ticas de matema nas atividades dos Jesuítas neste local e período” –, orientadas por Pedro Paulo Scandiuzzi.

Em 2004, Chateaubriand Nunes Amâncio produz a tese “*Uma Perspectiva Sociológica do Conhecimento Matemático*” (AMANCIO, 2004), sob orientação de Ubiratan D’Ambrosio. Em sua pesquisa, “A Perspectiva linear é tomada como exemplo verificador à medida que é apresentada como uma prática e suas relações com o emprego de técnicas e sistematizações teóricas”.

Em 2003, sob orientação de Ubiratan D’Ambrosio, Sonia Maria Clareto produziu a tese “Terceiras margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá)” (CLARETO, 2003). Nela, buscou-se “pensar a etnomatemática diante das crises do contemporâneo, sobretudo as crises do conhecimento, tematizadas por discursos pós-modernos”, em uma pesquisa realizada “junto a jovens e adolescentes moradores de regiões de Laranjal do Jari, Amapá, que têm suas práticas sócio-espaciais desenvolvidas sobre palafitas”.

Com temas, esses trabalhos produzem trajetórias. *Com* indígenas, seus espaços, seus marcadores de tempo, suas educações, aproximam-se as pesquisas de João Severino Filho, Adailton Alves da Silva (dissertação e tese), Sinval de Oliveira, Aldo Ivan Parra Sanchez, Rodrigo Alexandro Rodeigues, Marcos Lübeck (dissertação e tese) e Chateaubriand Nunes Amâncio. *Com* comunidades quilombolas, existem as pesquisas de Diego de Matos Gondim e de Elivanete Alves de Jesus (dissertação e tese). *Com* o rural e o campo, estão as pesquisas de Ronilce Maira Garcia Lopes, Sonia Regina Coelho, Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa e Ana Paula Truzzi Mausó. *Com* a educação escolar, as pesquisas de Maria da Penha Rodrigues de Oliveira Godinho, Adauto Nunes da Cunha, Evelaine Cruz dos Santos e Adriano Fonseca convergem. *Com* a inclusão escolar, são produzidas as pesquisas de Thiago Donda Rodrigues e Aira Casagrande de Oliveira Calore. *Com* a formação de professores, a pesquisa de Roberto Barcelos Souza se dá. *Com* a educação ambiental, a pesquisa de Marcílio Leão se constitui. *Com* a etnomatemática como área de pesquisa, por fim, são produzidas as pesquisas de Roger Miarka e Debora Eloísa Nass

Kieckhoefel. *Com* um tema que atravessa muitos outros temas, a espacialidade, está a pesquisa de Sonia Maria Clareto.

Movimento 2: A criação do GEPETno ou A formação de um ethos

A criação do GEPETno – como grupo de pesquisa que engendra essa multiplicidade de modos de produzir mundos – iniciou com a possibilidade do encontro, os quais entendemos como a possibilidade de produzir algo que não seria possível individualmente, conectando singularidades de pesquisas e pesquisadores(as) da Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Rio Claro (UNESP/Rio Claro); agenciando afectos... Assim, junto à coetaneidade das trajetórias que as pesquisas em Etnomatemática na UNESP/Rio Claro iam produzindo, um *corpo-grupo* estava sendo constituído.

Acompanhar a processualidade dessas produções (grupo e pesquisa e pesquisadores(as) e...), produz um “relevo” de algumas marcas criadas com múltiplos espaços: indígenas e quilombolas e artesãos de gaiolas e escola e educação indígena e educação do campo e educação quilombola e Educação Matemática e Etnomatemática e... Esse relevo demarca a constituição não apenas de um grupo de estudo e pesquisa, mas de uma multiplicidade de *modos*, formas de expressões de afectos que desejam passagem; modos pelos quais um grupo-corpo produz mundos na mesma medida em que se produz. Desse modo, o GEPETno vem se constituindo em um *território existencial*, e o que desejamos com este artigo é salientar algumas dessas marcas que produzem uma cartografia dos afectos de algo que não existe em si e por si, mas (sempre) em conexão com outras coisas.

Para tanto, cabe salientar algumas questões que vão tecendo a escrita deste artigo, quais sejam: como um corpo-grupo vai se constituindo juntos às trajetórias dissidentes de pesquisa/dores? Que trajetórias produzem um grupo de pesquisa? Que trajetórias produzem pesquisas etnomatemáticas de um grupo? Que produzem esses movimentos, esses encontros, no mundo?

Que produzem esses movimentos, esses encontros, de mundos? Em outras palavras: que produz um corpo-grupo no mundo e de mundos? Que trajetórias podemos cartografar?

Não é difícil afirmarmos que a constituição do GEPEtno como grupo de estudo e pesquisa se faz ao mesmo tempo em que são traçadas as múltiplas trajetórias das pesquisas e dos(as) pesquisadores(as) que compõem o grupo. É nesse sentido de *composição*, de coetaneidade dos afectos, que chamamos de corpo-grupo, pois um grupo se faz *com* corpos, *de* corpos na mesma medida em que se faz em *um* corpo, uma superfície de afirmação de trajetórias dissidentes, sempre em movimento. A constituição de um território existencial engendra uma multiplicidade de afectos afirmando modos de expressões que desejam passagem em corpos. Com isso, um corpo se constitui.

Scanduzzi e Lübeck (2011, p. 127) apresentaram, em 2011, a constituição, a dinâmica e alguns dos caminhos percorridos pelo GEPEtno e sua relação com o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM). Nesse artigo, fica visível que o GEPEtno não existe em si e por si, mas junto a movimentos (e desejos) daqueles que compunham (e compõem) o grupo. Em outras palavras, ele, o grupo, existe com e em outras coisas, junto a formas de expressões de pesquisa/dores(as), de grupos sociais e também de uma área – Educação Matemática – em constante movimento. Para isto, os autores evidenciam uma espécie de saber e fazer do grupo engendrados aos saberes e fazeres tanto dos(das) pesquisadores(as) quanto das comunidades que as pesquisas estavam envolvidas, o que denominam de um “*ser grupo*”. É nesse sentido que um território existencial vai se constituindo, como uma espécie de paisagem que segue as trajetórias dissidentes de um modo (ou vários) de produzir pesquisa/dores(as).

No *Memorial Descritivo – Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática da UNESP/Rio Claro*, elaborado por diversos membros do grupo (AMANCIO et al., 2003), os autores descrevem algumas trajetórias pelas quais o grupo veio constituindo-se em um corpo-grupo. Foi com um

desejo de encontro que, em 1999, alguns alunos de Iniciação Científica (IC) e outros do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da UNESP/Rio Claro começaram a se reunir, a ponto de produziram um *comum* chamado GEPEtno.

Para pensar esse *comum*, poderíamos optar, aqui, junto a Rancière (2009, p. 63), pela noção de “fábrica do sensível”, no sentido de que o GEPEtno vem constituindo “[...] um mundo sensível comum, uma habitação comum, pelo entrelaçamento de uma pluralidade de atividades humanas” (RANCIÈRE, 2009, p. 63). Acreditamos ser ele – o GEPEtno – essa fábrica do sensível, que cria ferramentas para fazer funcionar ideias ocupando um comum; por exemplo, quando os membros reuniam-se quinzenalmente em 1999, assumindo-se como grupo em 2000, para discutir suas pesquisas, ideias, livros etc. por um fio condutor: o *Programa Etnomatemática*.

Uma fábrica do sensível vai se constituindo ao mesmo tempo em que os membros ocupam um comum junto a uma pluralidade de atividades humanas (RANCIÈRE, 2009): do grupo de agricultores na pesquisa de IC de Jucelene Gimenes; dos produtores de gaiolas em uma fábrica na pesquisa IC da Luciane Chiodi; dos quipus e incas na pesquisa de IC de Mônica Andreia Tomiero Bueno; e da comunidade indígena *Kanhgág*, da Bacia do Tibagi, norte do Estado do Paraná, na pesquisa de mestrado de Chateubriand Nunes Amâncio (AMANCIO et al., 2003).

No GEPEtno, a afirmação dessa fábrica do sensível se dá junto ao funcionamento de conceitos como cultura, realidade, conhecimento, ciência, educação, educação indígena, quilombola, educação matemática etc. nas pesquisas de IC, dissertações de mestrado e, posteriormente, teses de doutorado.

No entanto, mais que uma fábrica do sensível, acreditamos que algo mais veio se constituindo, quiçá uma *partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2009). Na partilha do sensível, mais que fazer funcionar conceitos, ideias, pesquisas, textos..., cria-se um território existencial de algo que não existe em si e por si, mas sempre com outras coisas, conectando com outras

cosmologias e formas de expressões. Esse comum, constituído por partilhas do sensível, produz um território existencial, um lugar não localizável geograficamente, um espaço do encontro, ligados por um *espaço do sensível*.

Ao dizer que o GEPEtno constitui-se em um corpo-grupo, estamos afirmando que, nessa fábrica, se fabricam não apenas pesquisas, pois ele constitui-se com um espaço do sensível na medida em que o dentro e o fora – no limite entre estas polarizações – são agenciados. Isto quer dizer que, mais do que partilhar um comum – um “*ser grupo*” (SCANDIUZZI; LÜBECK, 2011, p. 127) – baseado em atividades humanas, hábitos, costumes, comportamentos, culturas, valores, ideias, crenças (tudo que constitui um *ethos*), ele cria outro comum junto a um *entre* – que chamamos de espaço do sensível – capaz de produzir outras hastes nas cristalizações dos territórios, o que poderíamos chamar de processos de *individuação*⁶ (SIMONDON, 2009).

Esse espaço do sensível não é medido pelas métricas euclidianas; melhor, um espaço do sensível não se constitui pela capacidade dos membros de medirem territórios, mas de ocuparem-nos – distribuindo-se nele – e partilhando uma ética, uma estética e uma política. Um espaço do sensível é o limite entre o interior e exterior⁷ de um território; e é esse limite que afirma o grupo não sendo em si e por si, mas sempre com outras coisas.

As partilhas do sensível garantem, como diz Rancière (2009, p. 63), um “espaço de possíveis”. Com os encontros, criam-se um território existencial fazendo-se um território ético-estético-político; se o território existencial – o GEPEtno –, com sua institucionalização no Conselho Nacional de Pesquisa e Qualificação (CNPq) em 2004, cria uma espécie de “cristalização existencial”, como diz Rolnik (2014, p. 33), ou seja, “[...] uma configuração

⁶ Para Simondon (2009, p. 27, grifos do autor) “*la individuación corresponde a la aparición de fases en el ser que son las fases del ser, no es una consecuencia depositada al borde del devenir y aislada, sino que es esta misma operación consumándose*”. Assim, é no limite de cada ser, de um *ethos* constituído, que outro processo de inviduação é criado.

⁷ O exterior trata-se de um *por vir*, de algo que está no futuro, de uma vontade, e o interior daquilo que já se cristalizou no território, um modo, uma forma de fazer etc. O espaço do sensível é uma espécie de *entre* o interior e o exterior, é aquilo que liga, topologicamente, interior e exterior em sua *potência sensível* de vibrar com os afectos que circulam.

mais ou menos estável, repertório de jeitos, gestos, procedimentos, figuras que se repetem, como num ritual”, você irá perceber, junto à análise de convergência de temas dos resumos dos trabalhos defendidos no GEPÉtno, que os encontros – que permitem partilhas do sensível – fazem vibrar um espaço do sensível e esse território é sacudido, movimentado, escapando de um ethos para algo sempre em conexão (ou em agenciamento) com outras coisas.

Aquela pluralidade de atividades humanas são afirmadas nos diversos modos de fazer pesquisas de IC, mestrados e doutorados, que, no movimento de criação do grupo, eram orientadas majoritariamente pelos professores Pedro Paulo Scandiuzzi e Ubiratan D’Ambrosio, o que podemos compreender como um primeiro movimento de constituição de um *ethos* do grupo engendrados no que Scandiuzzi e Lübeck (2011) chamam de *ser grupo*. Com isso, um *comum* é inventado e apresentado junto à publicação do livro *Educação Etnomatemática: concepções e trajetórias*, organizado por Silva, Jesus e Scandiuzzi (2010) (SCANDIUZZI; LÜBECK, 2011).

Porém, os encontros do grupo, mais que um *ethos*, mais que afirmá-lo através de práticas comuns a todos participantes, constituem um território existencial de novos possíveis quando o espaço do sensível vibra com a passagem de afectos que liga, topologicamente, interior e exterior, ou seja, o já naturalizado e o *por vir*. Nos resumos dos trabalhos do GEPÉtno é possível acompanhar o desenho dessa cartografia possível que vai se fazendo, desse movimento que torna o GEPÉtno um lugar do encontro para a invenção de outros espaços possíveis, um lugar criado com partilhas do sensível, um comum ligado topologicamente por um espaço do sensível – aquele que faz passar os afectos e afirma a existência do grupo sempre com outras coisas.

Nesses encontros, além de produzir um ethos – um saber, um fazer etc. que constitui um ser-grupo – o GEPÉtno produz-se espaço – ele mesmo um *topos*; superfície de afirmação de modos de expressões de vidas; território de ocupação que produz pesquisa/dores(as) em Etnomatemática... Desse modo,

considerando o GEPÉtno um topos (uma topia), ele não é por essência, não se justifica em si, pois ele se faz junto a trajetórias, ele “é” por imanência, por potência, por afirmação, por modos... – só é possível apreender um ethos, um “ser grupo”, no limite de si mesmo, sobre si mesmo, naquele instante em que, na algazarra de modos que se conectam e desconectam; e é nesse movimento que um comum é inventado. Nesse espaço, o sujeito é também imanência, ele é obra coetânea dos movimentos e fluxos, pura invenção. No interior do grupo, então, faz-se um ponto de inflexão, de variação, de diferenciação... É, também, um lugar que um ser (com sua incompletude) chama uma pluralidade de outros.

Os comuns inventados afirmam topias heterogêneas, espaços que afirmam modos de expressão de vidas. Assim, o território existencial faz-se com “modos finitos” – que lembram o já constituído, aquilo que define o grupo – e “modos infinitos” – como sendo as singularidades, as variações, as individuações... (RAMOND, 2010). Os modos finitos garantem a “legitimidade” do grupo dentro de um socius, e os modos infinitos garantem um movimento, uma diferença; afirmam trajetórias de uma ocupação e faz-se lugar de pensamento, faz-se corpo-grupo.

Movimentos que não se extinguem...

Para buscar por compreensões acerca do GEPÉtno, tomamos a decisão de utilizar os caminhos ocorridos na Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro. No entanto, vislumbramos outras possibilidades que poderiam apresentar outras facetas do grupo.

Uma delas diz respeito à ramificação do grupo, tomando como foco as sementes lançadas pelos integrantes do grupo nos diferentes estados brasileiros em que atuam, que possuem suas próprias atividades de orientação, o que naturalmente leva à produção de outros modos de existência do grupo.

Uma segunda possibilidade seria atentar-nos a temas bastante comuns ao grupo, como a espacialidade, e que são operados em grupos culturais ou de perspectivas distintas.

Esperamos continuar com o trabalho de dar visibilidade a essas marcas do GEPETno no futuro, de modo que possamos discutir e problematizar com mais elementos o território existencial produzido por esse Grupo, que já completa uma década e meia.

Além disso, também antevemos a possibilidade de lançarmos nossos olhos para o que vaza do grupo, ou seja, aquilo que escapa do esperado naquele território existencial. Assumir a *diferença* como pedra angular em tal discussão pode trazer para o estudo a potência do movimento de criação de outros possíveis, na medida em que fatura um território já constituído dando vazão a outros modos de existência. Não queremos, com isso, assumir um outro extremo. Pelo contrário, nesse jogo de território e movimento de diferenciação, é o espaço entre um e outro que gera força para que o território não se extinga por repetição dos mesmos modos aos quais se habituou, assim como possibilita a fortificação de movimentos que, sem a força da territorialização, perder-se-iam em lampejos.

Referências

AMÂNCIO, Chateaubriand Nunes. *Uma Perspectiva Sociológica do Conhecimento Matemático*. 2004. 122 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

AMÂNCIO, Chateaubriand Nunes et al. Memorial Descritivo – Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática da UNESP/Rio Claro. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 7., 2003 Rio Claro. Anais... Rio Claro: UNESP, 2003. CD-ROM.

BARBOSA, Línlya Natássia Sachs Camerlengo de. *Entendimentos a respeito da matemática na educação do campo*: questões sobre currículo. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

CALORE, Aira Casagrande de Oliveira. *As 'ticas' de 'matema' de cegos sob o viés institucional*: da integração à inclusão. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em

Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

CLARETO, Sonia Maria. *Terceiras margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá)*. 2003. 254 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

CLARK, Lygia. Caminhando, 1964. Disponível em: <http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17>. Acesso em: 5 de abr. de 2017.

COELHO, Sonia Regina. *A Escola Mixta da Cachoeira Grande em Presidente Prudente: um panorama histórico*. 2015. 427 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

CUNHA, Adauto Nunes da. *Diferentes realidades: ticas de matema na matemática escolar*. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

CRUZ, Evelaine dos Santos. *Vivências espaciais e saberes em uma escola Waldorf: um estudo etnomatemático*. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

FONSECA, Adriano. *A Construção do Conhecimento Matemático de uma Turma de Alunos do Ensino Médio num Espaço Sociocultural: uma postura etnomatemática*. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

GODINHO, Maria da Penha Rodrigues de Oliveira. *As Diferenças Culturais dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos: uma visão etnomatemática*. 2011. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

GONDIM, Diego de Matos. *Ribeiras de Vales: ...e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e....*. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

KIECKHOEFEL, Debora Eloísa Nass. *Do estudo do memorial de Teresa Vergani à análise de sua obra em educação matemática: trilhando o caminho da matemática*. 2015. 353 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

JESUS, Elivanete Alves de. *O lugar e o espaço na construção do ser kalunga*. 2011. 218 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

_____. *As artes e as técnicas do ser e do saber/fazer em algumas atividades no cotidiano da comunidade kalunga do Riachão*. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

LEÃO, Marcílio. *Educação Matemática e Educação Ambiental: um estudo etnomatemático das infrações ambientais*. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

LOPES, Ronilce Maira Garcia. *Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática*. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

LÜBECK, Marcos. *Utopia e Esperança: do mito da terra sem males à educação etnomatemática*. 2013. 185 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

_____. *Uma Investigação Etnomatemática sobre os Trabalhos dos Jesuítas nos Sete Povos das Missões/RS nos Séculos XVII e XVIII*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

MAUSO, Ana Paula Truzzi. *Estudo da utilização de medidas não-oficiais em uma comunidade de vocação rural*. 2006. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

MIARKA, Roger. *Etnomatemática: do ôntico ao ontológico*. 2011. 427 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

OLIVEIRA, Sinval de. *O saber/fazer/ser e conviver dos educadores indígenas Apinayé: algumas reflexões no campo da Teoria da Complexidade e da Etnomatemática o*. 2013. 156 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

PARRA, Aldo Ivan Sanchez. *Etnomatemática e Educação Própria*. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. Tradução de Claudia Berlinder. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. 2ª ed. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RODRIGUES, Thiago Donda. *A etnomatemática no contexto do ensino inclusivo: possibilidades e desafios*. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

RODRIGUES, Rodrigo Alexandre. *As 'Ticas' de 'Matema' dos Índios Kalapalo: uma interpretação de estudos etnográfico*. 2005. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo; LÜBECK, Marcos. Itinerários do Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática e sua Relação com a Educação Matemática. *Bolema*, Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 125-151, dez. 2011.

SEVERINO FILHO, João. *Marcadores de Tempo Apyãwa*. A solidariedade entre os povos e o ambiente que habitam. 2015. 157 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

SILVA, Adailton Alves da. *Os artefatos e Mentefatos nos Ritos e Cerimônias do Danhono: por dentro do octógono sociocultural A'uwê/Xavante*. 2013. 348 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

_____. *A organização espacial A'UWê-Xavante: um olhar qualitativo sobre o espaço*. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SIMONDON, Gilbert. *La individuación a la luz de las nociones de forma y de información*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2009.

SOUZA, Roberto Barcelos. *Fatores Sócio-Político-Culturais na Formação do Professor de Matemática: análise em dois contextos de formação*. 2015. 244 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

SPINOZA, B. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Recebido em fevereiro de 2018.

Aprovado em setembro de 2018.